



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 125/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

NOITE DE 67

Imperdível para maiores de 65 anos!

Poderia ter dito para maiores de 60, ou até mesmo de 50. Mas é que os de 65 saborearam, antes, o belo tempo da Bossa Nova, o auge do Rio antes de Brasília, e adquiriram uma pontinha a mais de sensibilidade para o usufruto completo da nova e última onda de criatividade musical no nível mais apurado que o Rio atingiu. A inventividade embotou depois e os mesmos personagens do filme, tão emocionantemente jovens nele, são os mesmos que estão nos palcos mais concorridos até hoje.

O filme é um documentário sobre o Festival de 67, realizado pela Record. A emissora era de São Paulo e o festival foi feito lá, mas a música era do Rio, a criação era do Rio, os criadores, fossem nascidos na Bahia ou em qualquer outro estado, criavam no Rio, onde se concentravam. O Rio foi o centro da Jovem Guarda e da Tropicália.

Por que estiolou?

Em primeiro lugar, penso, por efeito do próprio declínio político-econômico do Rio, deflagrado pela mudança da Capital e acentuado no curso dos anos setenta, oitenta e noventa, sobre o qual já falei aqui recentemente.

Mas, a meu juízo, há uma outra razão importante: a Televisão, a programação da televisão brasileira. Na minha lembrança, as programações daquele tempo, que se encerravam à meia-noite, tinham muito conteúdo musical, no chamado horário nobre, tinha músicos brasileiros ao vivo, especialmente da Record, mas também da Tupi, que era a maior. Apresentavam, também, muito debate político, muito conteúdo de natureza política. A partir dos setenta, e mais fortemente nos anos oitenta, a hegemonia da Globo, que entrou fortíssima com a colaboração da Tme-Life, foi se impondo e o conteúdo da programação mudou profundamente, passando a predominar cada vez mais as novelas e os programas de curiosidades tipo Faustão e Fantástico. Os grandes ídolos populares mudaram de profissão, deixando de ser cantores e compositores para serem artistas de novela. Ou jogadores de futebol.

A Globo sustentou a atividade cultural do Rio nos anos do declínio, é verdade. Se a Globo se tivesse mudado para São Paulo, como tantas empresas, não sei do que teria sido o nosso setor cultural, segurado pela televisão, pelo cinema e pela própria música, sim, mas num padrão diferente, de shows mais elaborados e mais prósperos economicamente, porém menos inovadores.

Eu não sou um TV-expert, até porque, faz tempo, quase não vejo televisão. Então, pode ser que eu esteja todo errado, mas guardo na lembrança os musicais daquele tempo, e ao assistir o "Noite de 67", fortaleceu-se na minha cabeça esta idéia, que já tinha, sobre o cerceamento da espontaneidade e o estiolamento da criatividade musical carioca. A espontaneidade daqueles anos, tão estimulante, tão nítida no filme, cedeu lugar a padrões de qualidade nos shows, muito mais produzidos, que lembram a "Qualidade Globo", preparada, sofisticada, disciplinada, e muito mais "enquadrada".

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br



CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga
Presidente do ISB

Artigo nº 125/2010
Contatos: secretaria@isb.org.br

Sobre o filme propriamente dito, o que mais comove é precisamente a juventude e a inocência dos personagens, que aparecem, também, já maduros, dando seus depoimentos sobre aquele passado. Juventude e imaturidade dos músicos, cantores, compositores, mas também dos apresentadores no seu estilo inteiramente natural, sem artifícios estudados. Juventude do público que vai e aplaude estuante, juventude com seu grau próprio de bisonhice, desconhecendo completamente os desdobramentos daquelas apresentações.

A premiada foi o “Ponteio” de Edu Lobo, que no momento soou mais bonita, animada e contagiante. E o tempo, entretanto, mostrou que a canção mais importante do Festival, aquela que ia fazer história e escola, foi, de longe, “Alegria, Alegria” de Caetano.

O próprio compositor, no seu depoimento presente, parece não se dar conta disso, quase duvida da importância daquela sua criação, chega a estranhar que não tenha podido “se livrar” da “Alegria” como Chico Buarque se livrou da “Banda”. Sem perceber que a “Banda” era um belo poema mas um clássico que evocava o passado, longe de propor o novo, soava como um “dobrado” de cinquenta anos antes; enquanto “Alegria, Alegria” era revolucionária, criava um tempo na história da nossa música: mudava a temática da poesia, que falava, pela primeira vez, da liberdade do ser sem lenço e sem documento, do ser ao sol do Rio, da importância da comunicação, da banca de jornal com suas notícias de crimes, espaçonaves, guerrilhas, Cardinales, Brigites e caras de presidentes. Inovava na poesia e na música, no ritmo, que é uma espécie de marcha sambada, e na melodia, que usava intervalos de nona, inteiramente inusitados. Com ela, Caetano realizou plenamente o lema do modernismo das artes enunciado por Ezra Pound : “Make it new”. Foi, realmente, o líder inovador daquela nova música popular brasileira, do movimento “Tropicália”, que teve Gilberto Gil e Gal Costa além de outros, e que foi a última vaga verdadeiramente criativa originada no Rio de Janeiro. Depois, novidade só o funk.

Como é bom “ver” a História; que coisa formidável é o cinema, que mostra as coisas de traz para a frente. Imperdível a Noite de 67.

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702
e-mail: secretaria@isb.org.br